

A QUARENTENA E OS SEUS EFEITOS COLATERAIS



Johann Lucas Cezar

Natural de São Paulo-SP, tem de 17 anos, é técnico em Biotecnologia, foi certificado pelo Conselho Regional de Química IV (CRQ-IV) como o melhor aluno do curso de sua turma. Atualmente estuda Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC CAMPINAS).

Quem diria que naquele dia seria a “última” vez em que veria os meus amigos, colegas e professores da faculdade pessoalmente? Quem diria que aquele dia seria o dia em que todo mundo se separaria e mandaria cada um para sua casa sem ao menos nos despedirmos direito uma última vez? O tempo passa e as coisas acontecem muito rápido, enquanto nós nem percebemos. Tudo bem. O vírus se espalhou e só há uma coisa a fazer: se adaptar. A quarentena é um remédio, e temos que tomá-lo, mesmo que a gente pareça com uma criança de 8 anos.

Essa quarentena nos fez mudar totalmente as nossas rotinas, não é mesmo? Foi um efeito colateral monstruoso que todos nós sentimos. Você, leitor, pode me chamar de doido depois do que irei falar, mas sinto falta de acordar às 5 horas da manhã, pegar dois ônibus, chegar à universidade, cumprimentar a todos, entrar na sala, escutar o professor, aprender e conversar com as pessoas durante o intervalo. Estou com saudades de tudo isso.

Outro efeito colateral que a pandemia trouxe em mim, tirando o fato de estar mais perto com a família (até conheci meu pai. Ele é gente boa, afinal): Fez com que eu pensasse e refletisse mais sobre a vida, o universo, a sociedade e entre outros. Esse efeito foi o que mais me abalou. Espero que isso não tenha acontecido apenas comigo e seria muito bom ter acontecido com todos, porque por incrível que pareça, precisamos meditar para que não fiquemos loucos. O pensar é efeito colateral bom. É dele que darei o maior destaque porque tive 3 pensamentos, todos de sentidos diferentes. Eles surtiram em mim de uma forma grandiosa!

Todos efeitos têm o mesmo princípio. Eu cheguei neste princípio, quando comecei a olhar melhor para a filosofia grega, mais precisamente Aristóteles, que mesmo sendo muito antiga, concordei totalmente em uma questão: a da ciência estar junto com a filosofia. Todos os filósofos da época tinham noção das ciências! Tenho impressão de que atualmente a mãe, a filosofia, tem se distanciado de sua filha, a ciência. A prova disso é que quando aparece um problema, um questionamento ou algo parecido, percebe-se que sempre existem duas vertentes: a filosófica e científica. Se todas as ciências pertencem à filosofia, por que separá-las? A mãe e filha devem ser unidas! Dá para entender que o filósofo, sendo apenas filósofo, não consegue fazer um experimento em um laboratório sem saber como realizá-la e entender o que acontece, e um cientista, sendo apenas cientista, não consegue focalizar nas coisas além do que vê sem saber como sair das



exatidões e das demonstrações. Porém, vê-se que uma sem a outra, elas ficam perdidas. Elas devem se completar, como peças de quebra-cabeça que mesmo sendo de formatos diferentes, elas se juntam e formam uma imagem só: a verdade, e posso complementar ainda mais, a realidade. Disso tudo, digo: todos os pensamentos têm o auxílio da ciência.

O primeiro efeito começa aqui, e dou o nome de “gregorragia”. Lembrei que eu aprendi em uma aula sobre Platão a importância dos objetos matemáticos, ou seja, tudo que envolva número e harmonia, para que se chegue ao conhecimento verdadeiro como também para a formação de um ótimo filósofo, segundo o próprio Platão. Por isso, tenho pegado pelo menos uma vez por semana um conteúdo desses objetos para que as exatas não fiquem apenas como “decoreba” na minha cabeça. Quero entender como faz para chegar em tal cálculo ou entendê-lo como funciona. Não quero aceita-lo apenas como um *ipse dixit* (traduzindo para o português, diria que seria um “mestre mandou” sem poder questionar). Faz duas semanas que tenho realizado isso.

Na primeira semana, eu quis por mim mesmo descobrir como Pitágoras chegou em seu famosíssimo teorema. Confesso que teria sido melhor não ter mexido neste “vespeiro”, ou criando uma nova expressão baseado aonde morei: “ninho de marimbondo”, porque nunca fiz tantos quadrados, triângulos, contas, medições em duas horas e ainda por cima ficar louco quando percebi que não tinha descoberto como o filósofo chegou naquele cálculo. Depois pesquisei aonde errei, e me irritei, mas logo “baixei a bola” e apreciei a genialidade do Sr. Pitágoras de Samos.

Na segunda semana, eu quis entender como funciona o código binário, porque não é interessante que uma simples calculadora com apenas “0” e “1” faz inúmeras contas? Que o computador com apenas esses mesmos números consiga executar todas as tarefas? O que me deixa de admirado é que se for efetuar $2+2$ em um papel, seria (e sempre será!) igual a 4, mas passando para código binário ficaria: $10+10=100$. Na lógica comum, não faz o menor sentido isso porque $10+10$ só pode ser 20, entretanto, uma simples calculadora, não sei de qual forma, entende que 2, que em código binário é 10, mais 2 é igual a 4, que é 100. Tentei compreender como que faz a conta em código binário, com papel e lápis, e consegui (graças a Deus. E nessas contas devo ter perdido algum “parafuso”. Se alguém achar, me chame. Está fazendo falta). Mesmo tendo êxito, ainda me maravilho com o funcionamento de uma simples calculadora e da inteligência de quem a inventou.

O segundo efeito colateral chamo de “existencialite”. Refleti sobre uma questão intrigante para mim: o existencialismo. Por uns 2 meses ficava toda hora: Será que somos livres? Será que somos destinados? Ou somos os dois ao mesmo tempo? E agora? O que somos? Depois de muito tempo, cheguei a uma conclusão: somos destinados. Como cheguei? Olha meu caro leitor, cheguei como havia falado antes: com a ajuda da ciência.

Todos os seres humanos (aliás, todos os seres vivos) tem um ciclo biológico que resume em nascer e morrer. Não tem como mudar este ciclo! Então a morte é um destino para todos os seres, e temos 100% de certeza porque isto também nos inclui, os seres humanos. Sendo a morte nosso destino, o que dirá que somos livres? Todos os nossos atos têm consequências, toda ação uma reação e toda causa um efeito, porém tem coisas que são previsíveis ao homem, e outras não. Um exemplo disso é a diferença entre o que acontecerá se uma maçã cair de uma altura de 1 metro e o que acontecerá em 10 anos. Todos sabem que a maçã cairá por causa da lei da gravidade (pelo menos até o dia que estou escrevendo este artigo, as coisas mais densas que o ar ainda caem), e nenhum ser



humano sabe o que acontecerá em 10 anos, mas ambos casos têm uma consequência, um efeito, uma reação, um destino. Veja, futuro contingente! (não é mesmo, Aristóteles!?)

Outra coisa que temos para refletir é que você, leitor, não é único no mundo! Que novidade, não!? Existem atualmente mais de 7 bilhões de pessoas no mundo. Vamos supor que todos façam pelo menos 20 ações por dia (eu sei que é bem mais, mas suponha), logo seriam mais de 140 bilhões de ações todos os dias! São muitas consequências acontecendo em apenas um dia, que interferem umas nas outras, e de alguma maneira, o mundo ainda funciona. Imagine se fôssemos livres também no sentido de que podemos fazer o que quisermos, sem a existência das legislações. Seria um caos! Então além de sermos destinados, também somos limitados, porque temos ainda que pensar no outro. Ufa! Pelo menos algo altruísta que existe nos homens!

Sendo assim, percebe-se que a essência precede a existência. O motivo de algo existir deve preceder o próprio algo. Creio que o primeiro homem que criou o copo, não o criou à toa, como se passasse na cabeça dele “Hmm! Vou criar um copo por criar, depois eu vejo a função o qual ele terá”. Não! Tudo tem um motivo para existir, o outro porém é que não sabemos o nosso! (aqui você pode dar o sentido tanto do eudaimonismo, que vê a existência de cada um de uma forma individual, particular, em um sistema, quanto de um sentido que abrange a todos, de um forma geral, universal). Primeiramente, ninguém nasce com um livro de instruções sobre como deve viver além de que também para que o ser humano serve. Segundo, a noção de tempo é uma coisa muito ínfima para os seres humanos, porque todos são temporais, não eternos e atemporais. Se pudesse parar no tempo, poderia dizer que todos são livres porque não existe reação num tempo parado, todavia, não existe ação também. O tempo não para, ele flui como um rio. Não tem o que fazer. Todos estão fadados a ser destinados. Pelo menos, leitor, te recomendo uma coisa: Faça boas escolhas, se fizer as más, aprenda com elas. Isso parece óbvio, mas melhor um “às vezes o óbvio é preciso ser dito” que um “tarde demais”.

O último efeito colateral chamo de “politicolite”. Como com uma confissão: eu amo a política, como uma forma de estudo e debate. A minha família por parte de mãe em todas reuniões de natal come peru com gosto de discussão política. Isso acontece desde quando eu era criança.

Mas voltando à atualidade, temos visto uma onda de sujeira que não acaba mais. Uma atrás da outra! O brasileiro parece não ter um minuto de paz, já que a cada minuto aparece mais uma notícia sobre essa imundície!

Pra ser sincero, não importa mais se o político é de direita ou de esquerda, liberal, conservador e entre outros inicialmente. O que realmente importa é o que ele fez para mudar o Brasil (para melhor, tudo bem? Quero deixar isso bem claro). O que importa é o quanto essa pessoa se esforçou para trazer mais qualidade à sua nação. Daí, poderíamos ver qual lado é o melhor para nós. Todavia, digo que são poucos que fazem isso! Não vejo mais um feriado no nosso calendário, ou qualquer outra coisa inútil parecida com isso, como uma melhoria para o Brasil.

Outra coisa que vejo também são muitas pessoas tranquilas demais. Até crítica, mas fica parado, não faz nada também para mudar. Deve-se ter uma noção de que não é o Brasil que nos faz, somos nós que fazemos o Brasil. Infelizmente, estamos fazendo-o ruim. Mas não é uma pessoa só que salvará a pátria. Nós somos os salvadores da pátria! O que for bom, útil e agradável, deixe. O que for ruim, inútil e desagradável, melhore!



Assim que as coisas deveriam ser! Não devemos esperar a mudança, nós é quem fazemos a mudança e nós somos a mudança.

Aí começo pensar: Qual seria o modelo de política perfeito para o Brasil? O democrático brasileiro, o modelo que vivemos? Já sabe a minha resposta, nem preciso dizer. O democrático grego? Não! Só 10% da população real era considerada cidadã. Me desculpe, Péricles, mas é a verdade. O de Platão? Também não. Os filósofos não são perfeitos. O totalitário? Negativo. Todo poder assim é uma ditadura. Timocrático? Não! Os espartanos eram assim e acabaram se dando mal. Oligárquico? Ah...não! Poucos são favorecidos e muitos são ignorados. Imperial ou Reinado? Pode até ser, mas não. Não sabemos como será o imperador ou o rei. Como então deveria ser? Eu tinha proposto uma ideia de democracia 100% democrática. Todo mundo comandará a nação. Mas surgiria o primeiro problema: Seria de maioria? Deveria ser, mas se for assim, não seria democrático e se fosse de todo mundo, isto é, democrático mesmo, causaria um caos, ficaria fora de controle. Todos têm uma opinião diferente. Mesmo se fosse implantado todas as opiniões, como um acordo, não daria certo porque não tem como duas coisas ao mesmo tempo funcionar, nem tem espaço! (lembre-se do sir Isaac Newton ao dizer que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo). Também duvido muito que todos aceitariam tranquilamente a ideia oposta do outro. Resumindo, desisto da democracia 100% democrática.

Então qual é modelo perfeito? Simples, nenhum! Toda a forma de poder é comandada por homens e homens não são perfeitos. Como seria um modelo perfeito se quem o controla é imperfeito? A solução seria deixar do jeito que está, entretanto, todos deveriam dar o seu melhor! Se esforçar! Todo mundo faz parte da nação, todos têm e devem exercer seu papel. Não adianta eleger alguém que você o considera seu representante, sendo que ele faz a própria vontade e você também não faz nada para mudar. É hora de πάντα ρεί! (Lê-se “panta rei”, traduzindo para o português seria “tudo flui como um rio”. Isso é Filosofia de Heráclito. O que quis dizer é que está na hora de mudanças).

Por fim, a quarentena me fez que eu liberasse o meu “eu” existencial, o meu “eu” político, o meu “eu” matemático e meus outros “eus”, me deixando muitas vezes “quebrar a cabeça”. Os efeitos colaterais, como percebeu, foram graves. Mas foram necessárias para que eu refletisse, ou seja, para que eu literalmente parasse para pensar sobre as coisas que me rodeiam. Se Deus quiser, espero ver novamente todos os meus amigos, colegas e professores.

